III SEMINÁRIO DO NECAF E I ENCONTRO DOS EGRESSOS DO GEPEC

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR PEDAGÓGICO PARA AS CORPOREIDADES AMAZÔNIDAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Alexa Hyaline Maricaua Pereira[1]

Ana Flávia Oliveira de Lima[2]

Prof. Dr. José Vicente de Souza Aguiar[3]

RESUMO

A formação docente é uma travessia contínua que precisa abordar a articulação entre conhecimentos e saberes. Dessa maneira, buscando formar, mobilizar e sensibilizar professores que percebam e potencializem, através do olhar pedagógico, as existências das corporeidades amazônidas, especificamente, negras e indígenas no âmbito escolar. Nessa perspectiva, o presente resumo busca apresentar argumentos que estejam alinhados à valorização das existências desses corpos que compõem o contexto amazônico e combater a exclusão dessas vidas na educação. Para desenvolver este trabalho, usamos uma abordagem fenomenológica, nos baseamos em autores como Maurice Merleau Ponty (1999) e Lapoujade (2017), que ressaltam a importância do corpo como mediador dos sentidos no mundo vivido. As análises são atravessadas também com reflexões realizadas nas atividades de extensão, ocorridas em escolas da rede pública de Manaus, referentes ao tema. Nelas, os dados foram construídos utilizando questionários e convites para que os alunos pudessem expressar sobre suas identidades e como ocorre o acolhimento por parte do corpo docente e dos outros discentes que são diferentes das corporeidades estudadas. Foram coletados 321 relatos de vida e 30 não respondidos. As respostas demonstraram que a formação docente precisa ampliar a noção de corpo para além do cognitivo, cessar o pensamento de que o discente é uma embalagem vazia que necessita ser preenchida, como afirma Airton Krenak (2022), considerando esse corpo como espaço de memória, identidade, subjetividade e expressão cultural, pois foi possível perceber que poucos alunos se identificavam como indígenas, demonstrando uma falta de conhecimento da própria identidade e poucos se consideravam negros, nesse caso, eles se identificavam, em sua maioria, como pessoas pardas, um termo muito amplo e podendo ser considerado confuso, na tentativa de não se reconhecerem como negros e negras, reforçando as reflexões feitas por Sueli Carneiro (2005). Além disso, é relevante destacar que esses corpos trazem marcas históricas, culturais e territoriais que moldam modos de viver, aprender e relacionar-se. Dessa forma, reconhecer essas corporeidades é reconhecer que povos indígenas e comunidades negras amazônidas carregam em seus corpos e práticas cotidianas, saberes ancestrais e contemporâneos forjados na convivência com a floresta, os rios e os territórios comunitários. Somamos a essas reflexões

[1] Graduanda pela UEA. Bolsista. ORCID: http://orcid.org/0009-0001-9006-2111. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7462324367834890. E-mail: ahmpe.ped24@uea.edu.br.

[2] Graduanda pela UEA. Bolsista. ORCID: http://orcid.org/0009-0002-8686-4768. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4593035118782008. E-mail: afodli.ped24@uea.edu.br.

[3] Doutor pela EDUCANORTE/UEA. Professor Orientador da UEA. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7754-1620. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9130080603912569. E-mail: jvicente@uea.edu.br

às de Daniel Munduruku, sobre os saberes que estão entrelaçados às memórias, às línguas maternas, aos rituais e aos modos de cuidado que apontam para formas de aprendizagem que são profundamente significativas. Diante de todos os fatores discorridos, é importante nos voltarmos para propor uma formação docente que visa despertar o olhar pedagógico que percebe e que age com intencionalidade para valorizar as diferentes formas de existências humanas, sobretudo negras e indígenas como movimento de resistência que perpassa pelo sistema educacional.

Palavras-chave: formação; corporeidades amazônidas; existências; educação; identidade;